

Educação, linguagens e o corpo que [nunca] sai de cena¹

Cristiane do Rocio Wosniak*

Resumo

Este texto se constitui em uma resenha do livro *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*, organizado por Jean Carlos Gonçalves. O volume contém um prefácio elaborado por Sonia Machado de Azevedo, seguido de doze capítulos que aproximam os campos da Educação, Linguagem e Comunicação na discussão sobre questões envolvidas nas Artes do Corpo. É a interdisciplinaridade que impregna os resultados destas pesquisas dedicadas aos estudos do corpo, da cena, do ensino, das aprendizagens múltiplas, pedagogias da performance, presença e ubiquidade no século XXI, a partir de inusitadas perspectivas, discursos e abordagens metodológicas.

Palavras-chaves: Linguagens; Educação; Corpo; Discursos pedagógicos; Performance.

Resenha da obra:

GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, 253p.



* É doutora em Comunicação e Linguagens - linha de pesquisa em Estudos de Cinema e Audiovisual (UTP). Mestre em Comunicação e Linguagens - linha de Cibermídia e Meios Digitais (UTP). Especialista em Artes-Dança (FAP-PR). Docente adjunta da Unespar (Bacharelado em Cinema e Audiovisual). Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação/Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV/Unespar/FAP). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação da UFPR. Coreógrafa da Têssera Companhia de Dança da UFPR. Líder do GP CINECRIARE – Cinema: criação e reflexão (PPG-CINEAV/CNPq) e membro do GP Labelit – Laboratório de estudos em educação, linguagem e teatralidades (PPGE/CNPq). E-mail: cristiane_wosniak@yahoo.com.br

Data de submissão: out. 2022 – Data de aceite: dez. 2022

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v18i3.13943>

Introdução

O livro *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*, organizado por Jean Carlos Gonçalves, publicado em 2022 pela Editora Pimenta Cultural e contendo 253 páginas, constitui-se como uma coletânea de artigos e ensaios poéticos que refletem sobre as artes do corpo, compreendidas e desveladas sob variados enfoques metodológicos. O claro intento da publicação é se ancorar nos singulares encontros interdisciplinares provenientes das áreas da Linguagem, da Educação e da Comunicação. Desta forma, as temáticas, os sujeitos e objetos das autoras e autores aqui reunidos encontram reverberação, subsídios e fundamentações teóricas singulares.

O organizador da presente coletânea possui um explícito percurso de docência, pesquisa e publicações nas áreas da Educação e Linguagem, percurso este atravessado pelo viés dos estudos bakhtinianos. Gonçalves é docente permanente vinculado à linha de pesquisa LiCorEs (Linguagem, Corpo e Estética na Educação) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde também leciona no Setor de Educação Profissional e Tecnológica. Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande (PPGLEtras/FURG). É

bacharel e licenciado em Teatro-Interpretação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre em Educação também pela FURB e Doutor em Educação pela UFPR. Possui estágios pós-doutorais em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, realizados na PUC-SP, e em Educação na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). É membro pesquisador do GP/CNPq/PUC-SP *Linguagem, Identidade e Memória* (Coordenação: Beth Brait), do *Núcleo de Pesquisa da Presença - Escola Superior de Artes Célia Helena/SP* (Coordenação: Sônia Machado de Azevedo) e do *Observatório Cultural* da UTPL - Equador. Coordenador (Biênio 2018-2020) e vice-coordenador (Biênio 2020- 2022) do GT Nacional Estudos Bakhtinianos da ANPOLL. Autor do livro *Teatro e Universidade: Cena. Pedagogia. [Dialogismo]*, publicado na Coleção *Teatro*, Série *Pedagogia do Teatro* da Hucitec Editora em 2019. Em parceria com a professora doutora Michelle Bocchi Gonçalves, é líder do Grupo de Pesquisa Labelit (Laboratório de estudos em educação, linguagens e teatralidades) da UFPR. Atualmente é bolsista de produtividade em pesquisa (CNPq).

Gonçalves logra êxito ao organizar um livro composto por 12 trabalhos – incluindo um texto de sua autoria –, resultantes de pesquisas provenientes das áreas anteriormente mencionadas. É na confluência dessas áreas, portanto, que

eclodem os variados estudos e investigações de e sobre o corpo contemporâneo.

Em seu texto de apresentação da coletânea, intitulado “Como se fossem mil corpos num só corpo em si mesmo encerrado”, Sonia Machado de Azevedo é enfática ao destacar para futuros leitores da obra o fato de que a reunião dos textos pode convocá-los a diferentes tipos de conversa, ora duras, mais herméticas e acadêmicas, e ora doces e mais afetuosas. Segundo a autora do prefácio, o livro, em si, dedica-se a refletir e exemplificar possibilidades em que a

[...] linguagem, a comunicação e a educação tentam dar conta, cada uma a seu meio, dessa extraordinária capacidade humana de ser/ter um corpo capaz de expandir-se para muito além de seus limites físicos e materiais criando novos possíveis (AZEVEDO, 2022, p. 16).

Os *novos possíveis* não deixam de ser aludidos por Azevedo ao contextualizar brevemente os ajustes e as adaptações dos corpos às situações de isolamento social, condicionadas à pandemia do coronavírus. Corpos inertes frente às telas, restritos a espaços privados e expostos continuamente à comunidade virtual, aos vídeos, áudios, filmes, webconferências e atividades remotas em situação de educação. Corpos hiperconectados e (des)atentos fazendo tensionar a questão da presença e da telepresença o tempo todo. Tempo e espaço colidindo em ações performativas com mediação tecnológica.

Uma pergunta (co)movente ressoa no texto introdutório da obra:

Como contar depois e ao longo dos anos que virão tudo que nos aconteceu? É preciso registrar o que foi suportado, lembrar e guardar e tornar a falar, e sobretudo escrever para que haja essa conversa inacabável, bem como seu registro perene (AZEVEDO, 2022, p. 14).

Se a pergunta crucial faz mover o corpo, certamente os textos aqui reunidos são a garantia de que o movimento encadeado pelas escritas inquietas pode trazer respostas provisórias e, talvez, alicerçar novas perguntas. Afinal, o que nos move é querer ir além dos limites e conhecimentos já estabelecidos. E é neste sentido que se questiona: o que há para além da tela?

Discursos do corpo como linguagem na Educação e na Comunicação

É o próprio organizador da coletânea que assina o primeiro capítulo, denominado “O corpo recortado e(m) tela: *skate cruiser* entre educação e estética”. O texto, de caráter ensaístico, está vinculado a dois projetos de pesquisa do autor ainda em vigor: “O discurso teatral em perspectiva dialógica: potencialidades, urgências e demandas” (PQ/CNPq) e “Bakhtin e as Artes do Corpo” (PDS/CNPq). No ensaio constituído por 14 páginas e três seções argumentativas,

Gonçalves partilha suas experiências pedagógicas e estéticas a partir de dois níveis educacionais distintos – graduação e pós-graduação – em tempos de pandemia de Covid-19. Fazendo uso da Análise Dialógica do Discurso (ADD), proveniente dos postulados de Bakhtin e o Círculo, as discussões travadas em relação à performance docente frente à tela do computador e(m) sua interação pedagógica com os alunos, por via remota, elegem uma metáfora inusitada para se reportar ao raciocínio semiótico e analítico empreendido: o *skate*.

A primeira seção – “Subindo no *skate*” – apresenta o discernimento de uma escrita teatralizada/perfomática balizada pelos estudos de Bakhtin e o Círculo com vistas a adentrar no campo da formação estética e focalizar a (im)permanência da posição exotópica com que o autor se percebe imerso na relação professoral, buscando pistas para compreender a alteridade na lida com os corpos na/em tela, situação gerada pelo decurso dos anos 2020 e 2021 em tempos de completo isolamento social.

“Corpos e(m) tela, educação e estética: entre deslizar, remar e manobrar” é o título alegórico da segunda seção do referido ensaio em que são delineados os objetivos do trabalho e apresentado o conceito de *corpo recortado*. Em suas movências interdisciplinares, Gonçalves traz para a cena do debate conceitual Bakhtin – *Para uma Filosofia do Ato*

Responsável, escrito provavelmente entre 1919-1924 –, e Pina Bausch – “O que me move”, discurso preferido em 2017 ao receber um prêmio em Kyoto –, com a finalidade de extrair zonas de contacto e fricção ao se lidar com situações inesperadas e surpreendentes, como as experienciadas rumo a desconhecidas possibilidades de (re)existências pedagógicas.

Aulas presenciais e/ou remotas? Negações, desistências ou insistências telepresenciais? Corpo, presença e fisicalidade no espaço-tempo da sala de aula concreta ou recortes e fragmentos de corpos vislumbrados por entretelas abertas ou predominantemente fechadas?

Movências pedagógicas significativas tiveram que tomar curso e (um outro) corpo em tela como recorte de possibilidades alternativas mediadas por artefatos tais como *notebooks* e *smartphones*. No que se refere ao campo estético, a reflexão de Gonçalves aponta uma interrogação: o corpo docente do autor, recortado e espelhado na tela, pode não se considerar inteiro na presença, embora sua inteireza esteja ali, diante da turma de estudantes em sua(s) aula(s)? Pergunta complexa.

No encerramento das considerações empreendidas em seu ensaio reflexivo, Gonçalves novamente coloca em evidência a mola propulsora que move tal percurso investigativo:

[...] como pode o professor, em tempos pandêmicos, que aparece para os outros e espectralizado para si na forma de um corpo recortado e constrangido pela ausência da imagem corporal dos seus estudantes (característica mais recorrente no nível de graduação mas também presente no contexto de pós-graduação), comunicar-se de forma que seja possível manter a qualidade do ensino e da aprendizagem, não necessariamente nessa ordem, e também preservar a sua própria felicidade no que tange ao ato de lecionar? (GONÇALVES, 2022, p. 29).

Embora o intuito do texto não tenha sido o destramar das perguntas formuladas *a priori*, mas sim amplificar as reflexões em torno do tema discutido, apresentando considerações para estudos futuros, ainda assim, as questões de identidade, alteridade, presença, telepresença encontram pistas sólidas para possíveis respostas se considerarmos as relações entre professores e alunos como corpos moventes, instáveis em busca de equilíbrio, enquanto ensaiam as primeiras manobras mediadas por aparatos tecnológicos. Tais aparatos podem ser projetados como telas de dispositivos digitais ou como uma simples/complexa prancha com rodinhas. Em quaisquer dos casos a movência dos *corpos recortados* envolvidos no processo educacional com mediação tecnológica requer a urgência de se acessar e (re)conhecer outras formas de linguagem que possam deslizar – sobre a metáfora de um *skate* virtual – rumo a inusitadas e ubíquas corporeidades de (re)existência.

“O vídeo e o corpo em modelos experimentais de educação durante a pandemia de Covid-19” é o texto de autoria de Gláucio Henrique Matsushita Moro. O autor é Professor Doutor e Pesquisador da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). É Mestre em Tecnologias da Inteligência e *Design Digital* pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Doutor em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Em seu rigoroso artigo, Moro tem como intento discutir a educação nos meios digitais e, sobretudo, no campo do audiovisual, explanando sobre o impacto da mediação/conexão ou extensão do vídeo sobre o corpo durante o período da pandemia de Covid-19. O autor traz para a cena as metáforas de presencialidade física – relação entre professores e alunos –, demonstrando ações efetivas produzidas neste contexto em que a potência constitutiva da sala de aula presencial foi substituída pelo fenômeno pedagógico composto pelas audiovisualidades contemporâneas – elementos extraídos do cinema e da TV como linguagem, comunicação e educação – nos espaços de aulas virtualizadas ou telepresenciais.

O constructo teórico para tal empreitada discursiva encontra-se assentado em autores como Stuart Hall, Raymond Williams, Henry Jenkins, Paulo Freire, Sergei Eisenstein e Arlindo Machado. Em tela, ocorre a discussão e os debates

provenientes das linguagens do vídeo e do corpo quando imersos em ambientes de comunicação, informação e educação.

Em um texto que contém 18 páginas e que se divide em seis partes, o autor apresenta considerações sobre adaptações comportamentais e culturais, convergências midiáticas e construções de novos espaços de ensino, aprendizagem e consumo informacional, a partir de um estudo de caso pautado em suas vivências em três cursos de graduação nos quais leciona numa universidade brasileira. É possível deduzir que a interdependência dos sistemas de acesso à comunicação foi uma questão decisiva para o campo da educação em todo o período de isolamento social.

Na seção denominada “A sala de aula digital e a metáfora na plataforma”, observa-se uma preocupação constante de Moro no sentido de esclarecer as diferenças entre aulas remotas síncronas e aulas de educação à distância (EAD). A seguir, o autor dedica-se a descrever as etapas que o levaram a constituir um espaço simulado de sala de aula física quando transposta para a esfera digital. Dentre as plataformas disponíveis para alocar tal sala virtual, optou-se pelo *Discord*, em virtude da popularidade de tal plataforma entre o corpo discente em questão, que frequentemente o utilizava como ferramenta de socialização virtual. Tal preferência pelo *Discord* em detrimento de plataformas como *Micro-*

soft Teams, *Google Meet* ou *Zoom*, por exemplo, pode se justificar pelo fato de que estas últimas possuem características mais conectadas à sisuda ideia de reunião virtual e/ou empresarial.

Duas seções específicas: “O corpo e o movimento nos espaços digitais” e “Aulas, a linguagem do vídeo e as metáforas televisivas”, apresentam a execução dos espaços pedagógicos virtuais, demonstrando – com auxílio de textos imagéticos – os principais canais elaborados como apoio à cultura educacional em ambientes virtualizados. Moro explicita claramente as condições que o fizeram optar pela criação de aulas virtuais pautadas pelo formato de programação televisiva, sobretudo os programas ao vivo, utilizando inclusive elementos figurativos como os aportes das vinhetas, blocos e fluxo contínuo de um programa qualquer em TV aberta. A experiência dessas aulas foi baseada nos modelos da TV Educativa e da TV como educação, porém com a diferença de a transmissão ser ao vivo para uma plateia virtual, consumindo a informação em telas abertas ou fechadas na relação com o docente.

Na seção “Presencialidade, expressão corpórea e personificação”, convocam-se os pressupostos do teórico e cineasta Sergei Eisenstein para falar de montagem, edição, linguagem e comunicação a partir da ideia do cinema com a finalidade de compreender e demonstrar como age a tela, o tempo, o ritmo e a própria

dinâmica narrativa de uma aula remota. Com tal (re)conhecimento tácito, é possível (re)pensar o conhecimento a ser trabalhado nas sessões/aulas virtuais de forma mais lúdica enquanto a exposição teórica do conteúdo ganhava corpo e consistência. Nas considerações finais o autor acaba por admitir que talvez a presencialidade não seja necessariamente estar presente. Talvez seja ser presente sem estar.

Cristiane Marques de Sousa e Michelle Bocchi Gonçalves, por sua vez, são as autoras do artigo “A educação performativa desvelando o cotidiano escolar integral de tempo ampliado”, o terceiro capítulo da obra, que busca compreender os sentidos e as experiências dos estudantes na escola integral de tempo ampliado, vivenciadas em/com seus corpos, em uma tentativa de esclarecer quais seriam as potencialidades e fragilidades desse ambiente educativo. O aporte teórico-metodológico do estudo parte da Educação Performativa em uma tentativa de endossar as discussões acerca da experiência, infância e sociologia do corpo.

Cristiane Marques de Souza é Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste – *campus* Foz do Iguaçu), Licenciada em Música pelo Parfor (UFPR) e Psicopedagoga e Arteterapeuta pelo ITECNE. Atualmente,

exerce a função de professora e pedagoga da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME).

Michelle Bocchi Gonçalves é Doutora em Educação (UFPR) e docente do Departamento de Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação (UFPR). É docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPR), vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs) e líder, com Jean Carlos Gonçalves, do Grupo de Pesquisa Labelit – Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPq).

Ao longo de 21 páginas, divididas em duas seções argumentativas acrescidas de uma Introdução e uma Conclusão provisória, as autoras adentram ao contexto de uma pesquisa etnográfica, aprofundando-se na observação do corpo da criança nos espaços e ambientes escolares. O objeto de interesse em pauta são os desenhos performáticos produzidos e os registros fotográficos da rotina diária das referidas crianças. Recortando como foco da investigação a experiência corporal, gestual e do discurso como caminho para o desenvolvimento integral desses alunos, as reflexões geradas ao longo da investigação são evidentemente pautadas pelos pressupostos dos estudos sobre Performance na Educação, com a finalidade de elucidar a perspectiva de observação de um cotidiano escolar específico a partir das materialidades

produzidas pelos estudantes do 4º ano do nível fundamental I. O texto problematiza, portanto, as fragilidades existentes nas relações de ensino e aprendizagem nesse contexto específico, focalizando alguns papéis sociais e rituais escolares.

A seção “A educação performativa como embasamento teórico-metodológico” clarifica conceitos pedagógicos tratados na abordagem da pesquisa e apresenta os Estudos da Performance em suas formas metodológicas e ontológicas. Desta forma, tanto autores como Richard Schechner, quanto Elyse Lahnn Pineau desfilam por entre os parágrafos, edificando, com suas premissas, as teorias da Performance e colaborando com possíveis confluências e caminhos metodológicos para as interações educacionais elencadas pelas autoras, que se baseiam nas leituras dos Estudos da Performance e da Pedagogia Crítico-Performativa para identificar uma demanda potente e emergente que vai além dos papéis incorporados na sala de aula.

É na seção denominada “Uma pesquisa performática e etnográfica” que ambas as autoras descrevem, de fato, o percurso de pesquisa performática e etnográfica que buscou compreender as expressividades que emergem das relações entre os corpos em um ambiente de educação integral em tempo ampliado de Curitiba.

Ao término do percurso investigativo, as autoras concluem que colocar sob a

forma de escrita acadêmica o que emerge de experiências interativas e performativas no cotidiano de uma escola integral de tempo ampliado, pelo viés dos estudos e das práticas do corpo, foi certamente um desafio, mas que pode contribuir para diversificar nossos posicionamentos no mundo, ampliando nosso entendimento sobre os papéis sociais, mormente no campo da educação, que se misturam a todo instante.

“Discurso na vida e discurso pedagógico: a arte e a responsabilidade de um ‘pé de chinelo’” é o trabalho que compõe o quarto capítulo assinado por Adriana Teles de Souza. A autora é Mestra e Doutora em Educação (PPGE-UFPR), vinculada à linha de pesquisa LiCorEs. É artista-docente e membro do quadro permanente de docentes (QPM) da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), lotada no Colégio Estadual do Paraná (CEP), onde atua especificamente com o Grupo de Dança Contemporânea (DANCEP).

Ao longo de 18 páginas e duas seções de natureza conceitual, a autora empreende uma escrita ensaística com o firme propósito de compreender como se dá o processo dos discursos na vida e no campo pedagógico, a partir de uma experiência/acontecimento vivenciado em um contexto de sala de aula de uma escola pública. É a partir dos pressupostos advindos dos estudos de Bakhtin e o Círculo, assim como, dos estudos sobre/

de linguagem, corpo e estética na educação que a dimensão teórica do ensaio se apoia ao examinar um recorte de um curso de formação continuada para professoras e professores da educação básica, em um centro estadual de capacitação em arte, na cidade de Curitiba, Paraná, Brasil. A partir do referido curso, denominado “Formação da Espectadora e do Espectador: processos de análise de peças teatrais”, ministrado pela autora do ensaio, em 2017, houve um momento de análise de signos teatrais, utilizando-se a ferramenta de registros fotográficos de peças teatrais e a programação visual de cartazes para teatro. Tais registros, foram voltados para a realidade de atuação das professoras e professores participantes do curso em pauta que, no processo de formação, também preparavam conteúdos para a transposição didática/ formação estética com seus respectivos grupos de estudantes.

A partir dessas materialidades analisadas, foi possível discutir alguns aspectos da vida vivida, das limitações impostas no cotidiano escolar, que estão para além dos conteúdos sistematizados e que às vezes atravessam de diferentes modos os processos pedagógicos.

Imbuída do interesse na formação docente, a autora empreende um estudo investigativo atestando que os mesmos corpos que ensinam também aprendem e vice-versa e, nesta relação em movimento contínuo, interativo e espirala-

do, eclodem pressupostos e ancoragens teóricas a partir da ideia de *cocriação* proposta por Bakhtin (2017). Considera-se, ao término da proposta ensaística, que o preparo da atualização acadêmica constante necessita urgentemente estar inter-relacionado com a vida vivida, a fim de se considerar a identidade de quem ensina e de quem aprende nos processos de construção de pesquisas e proposições em sala de aula.

O quinto capítulo, denominado “O discurso hegemônico escancarado de corpo e gênero na publicidade da cerveja ‘A Outra’” tem autoria de Andrio Robert Lecheta, que é produtor cênico, diretor teatral, Mestre e Doutorando (PPGE-UFPR), vinculado à linha de pesquisa LiCorEs e ao grupo de pesquisa Labelit – Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPq), com interesse de pesquisa voltado às discussões sobre corpo, masculinidades e teatro.

Afeito ao campo da comunicação e da linguagem, o texto procura compreender a representação do corpo feminino em uma peça publicitária – formato de *banner* digital – da cerveja *A Outra*, a partir de uma perspectiva dialógica bakhtiniana, ancorada nos estudos da verbo-visualidade oriundos de Beth Brait, com o foco de interesse centrado especificamente no debate escancarado acerca do discurso hegemônico sobre corpo, gênero e possíveis propostas de

escape. Ao longo de 18 páginas, o texto aposta em uma noção de inacabamento bakhtiniano com a finalidade de “produzir potencialidades analíticas que podem nos apontar estratégias políticas e éticas para o enfrentamento dos desafios das questões de gênero” (LECHETA, 2022, p. 94). Tais questões são apresentadas em relação ao contexto histórico-social reverberando noções de corpo, anatomia, sexo, gênero, colonialismo, publicidade, desejo e consumo. Em um exercício descritivo, analítico e interpretativo apurado e rigoroso, Lecheta conclui que frequentemente – e, em particular, na publicidade em pauta – a objetificação do corpo feminino é evidente, o que deixa relevos, pistas e exemplos de sua frequente desumanização, quando associada a produtos a serem adquiridos e consumidos.

Elmir Henrique Silva Andrade e Priscilla Pinto Costa da Silva são os autores do texto “O corpo cego e o esporte: analisando as representações sociais por meio da abordagem estrutural”, em que delineiam as representações sociais que o corpo cego, que pratica esporte, tem dele próprio. Ambos os autores apresentam em suas trajetórias acadêmicas uma firme aderência à questão dos estudos do esporte pelo viés sociocultural. Andrade é Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e membro do

Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC/UFRN/CNPq). Silva, por sua vez, é Doutora e Mestra em Educação Física pela Universidade de Pernambuco (UPE). Atua como docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PP-GEF). É membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC/UFRN/CNPq).

O texto é concebido em 19 páginas e conta com quatro seções, acrescidas das seções de Introdução e Conclusão. O aprofundamento teórico e a revisão de literatura são extensíveis às seções “O corpo cego e sua inserção no esporte” e “Conceituando as representações sociais e a abordagem estrutural”. A pesquisa de natureza empírica é apresentada nas subseções de análise de núcleo central e periférico, a partir dos quais somos introduzidos às especificidades do estudo que parte de uma amostragem de participantes – atores sociais –, composta por 17 corpos cegos praticantes de esporte, vinculados ao Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do RN (IERC/RN), situado na capital potiguar. As conclusões possibilitam verificar a existência de quatro eixos – que se interrelacionam – a partir dos quais os referidos atores sociais da investigação divisaram possíveis categorias de inserção ou representação de si, a saber: a) o corpo fragmentado; b) o dualismo corpo/

mente, no qual a mente é uma entidade externa e superior ao corpo; c) o corpo que pratica esporte com vias à manutenção da saúde; d) o corpo performático, que encontra na prática esportiva os meios de inclusão social.

A partir do recorte aplicado ao estudo, foi possível inferir que os corpos cegos que praticam esportes são capazes de reconhecer suas potencialidades performativas indo em sentido contrário ao estigma social que os percebe, muitas vezes, unicamente em suas limitações.

O sétimo capítulo, “A poética da semente: uma performance de jogos teatrais, resultante de uma experiência cênica com corpos privados de liberdade”, tem autoria coletiva de dois estudantes de Artes Plásticas, Design e Artes Cênicas e que atualmente são investigadores do grupo Teatro *tras las rejas* (Loja, Equador): Juan Diego Burneo Ordoñez e Frankz Marlon Ramón Silva, além de Carla Saul Garcia Marcelino – que é Licenciada em Pedagogia e Doutoranda em Educação. Marcelino trabalha como docente de teatro, arte e cultura e dirige a Companhia de Teatro UTPL, além de coordenar o curso superior de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Técnica Particular de Loja, no Equador (UTPL).

O artigo apresenta os resultados de uma experiência teatral e educativa que traz para o debate o corpo adolescente privado de liberdade. Trata-se da elaboração de uma performance – *A Poética*

da Semente – a partir do encontro entre os participantes de um grupo teatral denominado *Companhia de Teatro UTPL*, formado por integrantes provenientes de diversos cursos superiores, sobretudo em Artes Cênicas, na cidade de Loja, sul do Equador, sob orientação da docente Carla Saul Garcia Marcelino, com os jovens enclausurados no Centro de Adolescentes em Conflito com a Lei (CACL).

A base do artigo, composto por 17 páginas, contextualiza a ideia de espaço e problematiza o processo de aplicação de um conjunto de distintos jogos teatrais, em diálogo com a poesia e a natureza, a partir da ideia de poética performativa de artes vivas.

Uma partitura desencadeada, a partir da horta por eles cultivada, na figura específica da semente, representante do nascer soterrado que proporcionou experimentar através da manipulação de marionetes, da capoeira, do *play black theater* e do teatro físico corporal, uma sequência artística, consequência também, de um processo educativo que provocou o corpo privado (MARCELINO; ORDOÑEZ; SILVA, 2022, p. 132).

As seções são nomeadas de forma metafórica em alusão ao espaço de livre confluência trazida para os experimentos performativos e educativos: a horta aos fundos do local de detenção dos jovens. Assim, a seção “Semeadura” norteia teoricamente o projeto, suas bases, ideologias e metodologias de criação processual. A seção “Germinação” traz para o foco a questão das artes vivas,

da performance e do teatro na prisão. Seguem-se descrições pormenorizadas acerca dos jogos teatrais, dos exercícios corporais e das variadas estratégias propostas em contexto de criação. A seção “Floração”, por sua vez, reflete sobre o cultivo do trabalho cênico em que o corpo aflora como um texto social em construção performativa. A seção conclusiva, denominada “Colheita”, deixa implícito que as relações e práticas estabelecidas ao longo de um ano de duração da proposta educativa e artística partilhadas com os adolescentes no (IERC/RN) vão muito além do teatro e da cena. Foi possível observar que o corpo pode ser resgatado pelo(s) sentidos(s) da arte que, ao contrário do espaço de detenção, não conhece limites territoriais.

Iáscara Oara de Jesus é a autora do texto “Corpo depois do corpo: o corpo que sai de cena” que se constitui no oitavo capítulo da obra. Doutoranda em Educação, Mestre em Ciências da Linguagem e especialista em Produção e Criação de Moda, a autora já atuou como professora/coordenadora em cursos técnicos, graduação e pós-graduação na FIESC-SENAI-SC/ UNIFEFE/UNIASSELVI/ UNIVILLE/IFES/UNIVALI, tendo experiência na área da Moda, *Design*, Artes e Desenvolvimento de Produto.

Sob a forma de um ensaio crítico, com 15 páginas distribuídas em três seções, o texto traz para a discussão a objetivação e a subjetivação do corpo pelo viés das

pedagogias culturais de formação no teatro, sobretudo em espaços informais de educação. A autora encontra ancoragem sólida a partir dos pressupostos do teórico Michel Foucault como fio condutor de sua investigação, para pensar um corpo que encena, experimenta limites e se materializa em espaços e tempos de representação, fazendo articular um raciocínio teórico aliado às vivências do cotidiano.

A seção introdutória tem o título/pergunta “Corpos instalados: espaços de ninguém?” As reflexões neste percurso apresentam noções de técnicas, corpos-instrumentos, corpos-sujeitos e modelos de subjetivação. A seção “Mercado de Singularidades” aborda o mercado civilizatório, as conformações de/para corpo sujeito e objeto na contemporaneidade, além das práticas culturais, sobretudo aquelas existentes nos espaços informais de educação e que se ocupam com o teatro. Atenta-se para os saberes e fazeres próprios do corpo em meio às lógicas de um mercado, das tecnologias invasivas e de um suposto modelo existencial a ser seguido. A seção final é designada como “Teóricos, resultados e considerações finais: dos pedaços fiz meu corpo”. Excertos de postulados teóricos advindos de Foucault e Baudrillard são trazidos à cena para alicerçar uma discussão entendida ao longo do ensaio e que envolve espaços concretos, lugares/territórios que propiciam a encenação da noção de

corpo envolto e que são modelados por dispositivos de poder-saber.

A pergunta que encerra o texto é: o teatro enquanto espaço de educação informal possibilita, pelo viés artístico, repensar práticas naturalizadas em diferentes contextos? A autora conclui que, se tal espaço puder ser considerado como ambiente de experimentação e liberdade, então a resposta é positiva, ou seja, é possível, sim, refletir sobre os efeitos e resultados que se relacionam a um discurso que se traduz em enunciados expandidos e que perpassam o corpo.

O capítulo 9 intitula-se “O corpo chove, às vezes. Dita, Benedita: um breve relato-experiência nas artes do corpo”. O autor, Pedro José de Freitas Zirolto, é ator, diretor de teatro, educador e psicólogo. É também Mestre em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena e Doutorando em Educação (PPGE/UFPR), com vinculação à linha de pesquisa LiCorEs e ao grupo de pesquisa Labelit (UFPR/CNPq).

O texto é um convite para adentrarmos à experiência relatada, em primeira pessoa, acerca da oficina continuada de Teatro, Dança e Educação Somática denominada *Dita, Benedita!* É a partir de uma educação comprometida com a ética e a estética conjugadas que o corpo-experiência é pensado como protagonista ao valorizar as poéticas do encontro, da presença e da recriação de discursos e sentidos abertos aos (re)encontros.

A partir de um tom explicitamente poético, o texto configura-se num total de 19 páginas, cujos tópicos se interseccionam nos (des)caminhos propostos para se repensar ações e experiências repletas de memórias de corpo, movimento, teatro, dança e vida. Já na seção introdutória – “Pé, caminhada, caminhar, (des)caminhos” – o autor nos convoca sinestesticamente a ler o texto com os pés descalços no chão. Convite provocativo e pleno de sentido, visto que é nesta ação que se concentram as zonas fronteiriças entre o pensar e o sentir, o real e o imaginário, o mental e o somático, o eu e o mundo do autor, ao narrar o seu experimento na seção *Dita, Benedita!* A referida seção narra com pormenores e figuras metafóricas o processo de condução de uma oficina continuada de Teatro, Dança e Educação Somática, para mulheres em processo de envelhecimento, no ano de 2016, no Município de Arapongas, Paraná, e que atualmente se realiza no Município de Ribeirão Claro, também no Paraná. Os pressupostos dos encontros eram pautados em exercícios, jogos e propostas diversas que levassem as participantes a narrarem as suas memórias e encenarem suas existências por meio das suas corporeidades e teatralidades potentes a partir de suas percepções sobre o fenómeno envelhecer.

Na seção “Corpo-experiência: a poética da presença e do encontro”, Zirolto

discorre sobre processos de educação pautados nas artes do corpo, elenca e discute alguns autores de base e se dedica a extrair hipóteses acerca da problemática sobre subjetividade e educação estética como campos ampliados da presença e do encontro. Fala-se de educação e(m) alteridade. Atesta-se, após a explanação da experiência vivenciada na referida oficina, que a subjetividade, antes afastada da sua dimensão corpórea, ganha uma nova e ampliada significação ou “experienci-ação” [como enuncia o autor].

É neste sentido que o texto, em si, assentado em um percurso de pés descalços no chão nos faz acreditar que uma educação a partir do corpo-experiência pode se traduzir em um compromisso com a formação total do ser humano.

“Laban, Bakhtin e Ballet Clássico: um *pas de trois* no ensino superior em artes cênicas” é o título do capítulo 10, de autoria de Thaís Castilho, que é Doutora e Mestra em Educação (PPGE-UFPR), vinculada à linha de pesquisa LiCorEs e ao Grupo de Pesquisa Labelit (UFPR/CNPq). Atualmente, é professora colaboradora do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e docente credenciada no programa de Pós-Graduação em Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher (HU/UEL).

A partir de um recorte de sua tese de doutorado em Educação, Castilho reflete, neste artigo de 23 páginas, dividido em

quatro seções, sobre o exercício docente no curso de Bacharelado em Artes Cênicas (UEL) com base em suas aulas de balé clássico associadas ao pensamento/teorias do movimento extraídas de Rudolf von Laban. É na confluência da abordagem artístico-pedagógica com a Teoria Dialógica de Bakhtin e o Círculo que a reflexão coloca na práxis a teorização ao solicitar aos participantes da pesquisa – atores sociais/corpo discente da disciplina de Expressão Corporal I, para a turma do primeiro ano de um curso de Bacharelado em Artes Cênicas, de uma universidade pública no interior do Paraná – a produção de Protocolos Verbo-Visuais de/em Dança. Tais materialidades – uma amostragem de sete protocolos verbo-visuais, segundo a autora – foram analisadas por meio da Análise Dialógica do Discurso (ADD), oriunda dos postulados de Bakhtin e o Círculo, com a finalidade de compreender que produções de sentidos poderiam aflorar e reverberar com as vivências pedagógicas e artística de/em dança.

Castilho se detém com detalhes no processo de aplicação dos laboratórios/aulas de balé clássico aos discentes que, por sua vez, foram instigados a explorar algumas ações específicas dessa modalidade de dança, analisando-as a partir das premissas de três Categorias do Sistema Laban/Bartenieff: Corpo, Expressividade e Forma. Ao término de seu estudo analítico, conclui a autora que

Laban, Bakhtin e o balé clássico não sofrem hierarquias ou sobreposições, e sim ajustes, acordos e contaminações, como se dançassem um *pas de trois*.

Rogério Machado Rosa, Doutor em Educação e Professor do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenador do Núcleo Vida e Cuidado: estudos e pesquisas sobre violências (NUVIC) é o autor do capítulo 11 denominado “A infância e a dança como potência de pensamento de corpos docentes em construção: um inventário da diferenciação na pesquisa educacional”.

O estudo de Rosa se reporta à dança, mas o faz a partir de uma escrita cartográfica acerca da potência criacional do seu próprio encontro com os estudos da infância e com a experimentação conceitual (e empírica) desta linguagem. Ao longo de 16 páginas de um texto carregado de afetos narrativos reais atravessados pela ficção, o autor reflete sobre possíveis derivas do seu corpo-docente-pesquisador em estado de (des) construção na experiência de pesquisar e escrever de corpo inteiro sobre a infância. O referido *ensaio-experimentação* investe em um modo diverso de conhecer/ subjetivar o desenvolvimento de seu tema de pesquisa imerso na Filosofia da Infância, a partir do encontro com 12 sujeitos docentes que se tornaram interlocutores de sua pesquisa com estratégias cartográficas no doutorado. Ao

longo das cinco seções que constituem o trabalho, Rosa empreende uma escrita memorialística na intenção de urdir um corpo-dançarino-docente-pesquisador que percebe em *Zaratustra* (NIETZSCHE, 2011) uma visão filosófica de dança para operacionalizar conceitos em busca de uma ontologia e de uma verdade de potência nos estudos entre a vida, a dança e a infância.

O capítulo que encerra a obra, “O corpo como enunciador e produtor de sentidos no teatro: reflexões bakhtinianas sobre treinamento corporal de atores”, tem autoria de Alaor de Carvalho, que é Doutor e Mestre em Educação (PPGE/UFPR), com vinculação à linha de pesquisa LiCorEs, e atua como docente no Curso de Licenciatura em Artes da UFPR, Setor Litoral (SL/UFPR).

O artigo, contendo 20 páginas e quatro seções é resultante de um rigoroso estudo levado a termo no decurso de doutoramento do autor, a partir da reflexão sobre enunciados que constituem o sujeito/ator em suas práticas corporais imerso em um processo criativo/montagem da peça teatral *Chá das Cinco - uma peça para jardins*, concebida, produzida e apresentada pela PalavrAção Cia de Teatro da UFPR (2003-2004).

Ao lado de teóricos reconhecidamente pertencentes ao campo das artes cênicas, Carvalho ainda utiliza como escopo teórico e metodológico a perspectiva dialógica de Bakhtin e o Círculo para a sua

Análise Dialógica do Discurso (ADD), por meio da qual constata que os sentidos do [seu] corpo que enuncia para a vida cotidiana – sujeito vivido – também podem ser enunciados no teatro. A partir deste corolário-chave, Carvalho propõe uma questão retórica: “se meu corpo tem a capacidade de produzir sentido para minha existência, por que não teria essa mesma capacidade na produção de sentido para a existência de minhas personagens no teatro?” (CARVALHO, 2022, p. 243). Os possíveis resultados desta investigação, portanto, apontam para o corpo como enunciator e produtor de sentidos, tanto para o sujeito/ator na vida, quanto para o sujeito/ator/personagem no espetáculo.

Em síntese, a obra *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação* repercute o valor intrínseco das linguagens artísticas – das artes do corpo, em particular – em seus variados modos de expressão. A presente publicação traz ao alcance dos leitores distintas abordagens que só se tornam viáveis pela lente da interdisciplinaridade situada nas zonas de interface entre a Linguagem, a Comunicação e a Educação.

Education, languages and the body that [never] leaves the scene

Abstract

This text is a review of the book *Corpo(s): Língua, Comunicação, Educação*, edited by Jean Carlos Gonçalves. The volume opens with a preface by Sonia Machado de Azevedo, followed by twelve chapters that bring together the fields of Education, Language and Communication to contribute to the discussion of issues involving the Arts of the Body. Interdisciplinarity pervades the research results of the works presented here that are dedicated to the studies of the body, scene, teaching, multiple learning, pedagogies of performance, presence and ubiquity in the 21st century from unusual perspectives, discourses and methodological approaches.

Keywords: Languages; Education; Body; Pedagogical discourses; Performance.

Notas

- ¹ Trabalho realizado com o apoio da CAPES (PROEX – Programas 6 e 7) – PPGE/UFPR.

Referências

AZEVEDO, Sonia Machado de. Prefácio – Como se fossem mil corpos num só corpo em si mesmo encerrado. In: GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*. 1ª Ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. (12-16).

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra;

notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAUSCH, Pina. O que me move. In: TAVARES, Renata (Org). *O que me move e outros textos sobre dança-teatro*. São Paulo: LiberdadeArs, 2017.

CARVALHO, Alaor de. O corpo como enunciador e produtor de sentidos no teatro: reflexões bakhtinianas sobre treinamento corporal de atores. In: GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*. 1ª Ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. (226-246).

GONÇALVES, Jean Carlos. O corpo recordado e(m) tela: skate cruiser entre educação e estética. In: GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*. 1ª Ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. (17-31).

LECHETA, Andrio Robert. O discurso hegemônico escancarado de corpo e gênero na publicidade da cerveja “A Outra”. In: GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*. 1ª Ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. (92-110).

MARCELINO, Carla Saul Garcia; ORDÓÑEZ, Juan Diego Burneo; SILVA, Ramón Marlon. A poética da semente: uma performance de jogos teatrais, resultante de uma experiência cênica com corpos privados de liberdade. In: GONÇALVES, Jean Carlos (Org.). *Corpo(s): linguagem, comunicação, educação*. 1ª Ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. (131-148).

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.